

# BOLETIM INFORMATIVO

A REVISTA DO SISTEMA

SISTEMA FAEP



Ano XXXV nº 1523 | 26/10/2020 a 02/11/2020

Tiragem desta edição 26.000 exemplares

ALERTA

## CAMPO NA MIRA DO CRIME

Produtores e trabalhadores rurais do Paraná convivem com roubos e furtos, que geram insegurança na hora de produzir. FAEP tem cobrado providências

[sistemafaep.org.br](http://sistemafaep.org.br)



# Aos leitores

Muito se fala que dentro da porteira, o agronegócio vai de vento em popa. Mas, que fora, diversos aspectos dificultam a vida do produtor rural. A matéria de capa deste Boletim Informativo é a prova cabal desta verdade. Afinal, basta olhar para os números de roubos e furtos em propriedades rurais para saber que esses tipos de ocorrência são mais um desafio imposto aos nossos agricultores e pecuaristas paranaenses.

Somente nos últimos dois anos e meio, mais de 20 mil ocorrências foram registradas em propriedades rurais do Paraná. Centenas de tratores e máquinas agrícolas e milhares de toneladas de insumos e sementes tirados a força de quem produz diariamente o tão necessário alimento para a população. Mas, mais que o bem material, é o risco à vida dos produtores, trabalhadores e familiares. São inúmeras as histórias de agressões física e psicológica. Afinal, ficar sob a mira de um revólver não deve ser fácil.

O problema é antigo. Assim como a luta da FAEP por mais segurança no campo. Claro, avanços ocorreram nestes últimos anos, principalmente nos municípios que criaram os Conselhos Comunitários de Segurança, palcos para discussão de propostas para aumentar a segurança nas zonas rurais. Mas, é preciso avançar ainda mais. É preciso monitorar, policiar, investigar e, principalmente, punir os envolvidos. Afinal, os produtores rurais apenas querem produzir com segurança. Nada mais que isso.

Boa leitura!

## Expediente

### • FAEP - Federação da Agricultura do Estado do Paraná

**Presidente:** Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Francisco Carlos do Nascimento, Oradi Francisco Caldatto, Ivo Pierin Júnior e Nelson Natalino Paludo | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Mar Sakashita | **Diretor Financeiro:** Paulo José Buso Júnior | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santaraza e Ana Thereza da Costa Ribeiro | **Delegados Representantes:** Ágide Meneguette, Julio Cesar Meneguetti e Mario Aluizio Zafanelli

### • SENAR-PR - Administração Regional do Estado do PR

**Conselho Administrativo | Presidente:** Ágide Meneguette | **Membros Efetivos:** Marcos Junior Brambilla - FETAEP, Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Nelson Costa - OCEPAR | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santaraza, Paulo José Buso Júnior e Carlos Alberto Gabiatto | **Superintendência:** Débora Grimm

### • BOLETIM INFORMATIVO

**Coordenação de Comunicação Social e Edição:** Carlos Guimarães Filho | **Redação e Revisão:** André Amorim, Antonio Carlos Senkovski, Bruna Fioroni e Felipe Anibal | **Projeto Gráfico e Diagramação:** Fernando Santos e William Goldbach | **Contato:** [imprensa@faep.com.br](mailto:imprensa@faep.com.br)

Publicação semanal editada pela Coordenação de Comunicação Social (CCOM) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.

Fotos da Edição 1523:

Fernando Santos, Divulgação, Arquivo FAEP e Shutterstock.

## ÍNDICE

### SEGURANÇA

Campo é alvo de criminosos especializados em roubos e furtos de máquinas e insumos. FAEP cobra medidas de segurança na área rural

PÁG. 14

### JAVALIS

Controle de animais invasores conta com apoio de manejadores cadastrados nos sindicatos rurais

Pág. 3

### APOSENTADORIA

Saiba como funciona a previdência para os produtores rurais garantirem um futuro seguro

Pág. 4

### BREXIT

Saída do Reino Unido da União Europeia abre oportunidades para produtos paranaenses

Pág. 6

### GESTÃO DE RISCOS

Sistema FAEP/SENAR-PR promove curso pioneiro de seguro rural. Saiba como participar

Pág. 8

### ERVA-MATE

Novo coronavírus transforma o hábito da roda de chimarrão e mexe com o mercado ervateiro do Paraná

Pág. 24

# Maringá firma parceria com manejadores de javalis

Produtores rurais podem procurar o sindicato rural local em caso de necessidade de controle do animal



A superpopulação de javalis no território paranaense já é um problema conhecido pelos produtores rurais. Isso porque o animal é um invasor frequente nas propriedades, acarretando uma série de prejuízos econômicos, ambientais e sanitários. Para tentar minimizar esses transtornos, o Sindicato Rural de Maringá, na região Noroeste, firmou parceria com um grupo de manejadores da região, o “Boca Braba”, para auxiliar os produtores no manejo adequado da espécie.

A partir disso, o sindicato elaborou um modelo de autorização – necessário para que os manejadores entrem na propriedade para realizar o abate do javali – em que consta os dados necessários do grupo. Dessa forma, os produtores rurais interessados podem procurar o sindicato caso necessitem de controle dos animais.

Além disso, é preciso fazer um cadastro com os dados do local onde serão executadas as ações. Por meio da autorização, o grupo de manejadores também se responsabiliza diante das exigências para o manejo de javalis, como certificados de regularidade e registro para porte de armas, se houver.

“Esse contato prévio faz com que o produtor se sinta mais seguro, e os manejadores tenham credibilidade e possam fazer o trabalho na região. Além disso, são exigidas várias autorizações para fazer esse manejo, e nem todo produtor tem a paciência, tempo ou mesmo vontade de participar. É um facilitador”, afirma a colaboradora do Sindicato Rural de Maringá Angélica Pelisson.

## Exigências legais

Washington Bagão, engenheiro agrônomo e um dos manejadores que fazem parte do grupo “Boca Braba”, reforça a obrigatoriedade de atender às exigências legais para realizar

o controle de javalis. “O grupo segue todas as regras à risca. Quando sai algo novo, nós atendemos de prontidão”, salienta.

Por ser um grupo de caça esportiva, o manejo é realizado de forma voluntária aos finais de semana e conforme disponibilidade dos membros. Neste ano, o grupo, composto por 15 manejadores, já realizou 150 abates na região de Maringá e proximidades.

Segundo Angélica, o Sindicato também faz uma série de orientações aos manejadores, com base na cartilha “Javali: uma ameaça ao agronegócio paranaense”, elaborada pelo Sistema FAEP/SENAR-PR. “A nossa intenção é conseguir fazer um manejo consciente, atendendo às normativas e que diminua esse prejuízo que os javalis estão causando”, afirma a colaboradora.

“Nós temos reuniões uma vez por mês. Nos organizamos como se fosse uma associação, temos atas, registramos tudo para fornecer todo um aparato de segurança, para manejadores e produtores”, explica Leonardo Bianchessi, manejador e produtor rural.



**CONFIRA A  
CARTILHA**

É fácil!

- Ligue a câmera do seu celular, aponte para o **QR Code**, acesse o link e assista. Caso não funcione, baixe um aplicativo leitor de QR Code.

- Ou acesse a seção “Serviços” no nosso site [sistemafaep.org.br](http://sistemafaep.org.br)



# Para uma aposentadoria segura

Previdência tem duas categorias de segurados para produtores rurais. Veja os requisitos e as regras para cada uma

Promulgada pelo Congresso Nacional em novembro do ano passado, a Reforma da Previdência não trouxe mudanças no processo de aposentadoria do produtor rural. Para que não se tenha surpresas às vésperas de entrar com o pedido do benefício previdenciário, o Sistema FAEP/SENAR-PR orienta o produtor rural que se antecipe a discussão e que, principalmente, se organize para a aposentadoria de forma segura. Para facilitar esse processo, preparamos este pequeno guia.

## Segurado especial

Uma das categorias em que o produtor rural pode se enquadrar é a de segurado especial. Nesta faixa, ele se aposenta com idade mínima de 60 anos, em caso de homens, e de 55 anos, se mulheres. Para isso, o agropecuarista precisa comprovar com documentos que exerceu atividade rural pelo período mínimo de 180 meses – ou seja, 15 anos. “O produtor precisa apresentar documentos que comprovem que ele exerceu a atividade em cada um desses anos”, alerta o técnico Eleutério Czornei, do Departamento Jurídico do Sistema FAEP/SENAR-PR.

Para se enquadrar como segurado especial, o produtor precisa atender a alguns requisitos. A atividade precisa ser exercida individualmente ou em regime de economia familiar, em propriedade rural de até quatro módulos fiscais. No Paraná, a média de cada módulo fiscal é de 18 hectares. Para saber a área de um módulo fiscal no município, consulte o sindicato rural local.

Além disso, para obter esse enquadramento, o produtor rural não pode ter empregados, nem outra fonte de renda. Há algumas exceções. A legislação permite que o agropecuarista contrate diaristas e/ou trabalhadores temporários, por um período de 120 dias homem/ano. Na prática, isso quer dizer que o produtor pode contratar uma pessoa por 120 dias em cada ano. Se precisar contratar dois empregados, eles podem laborar trabalhar por 60 dias. Se forem três contratados, o período cai para 40 dias. E assim, sucessivamente.

Da mesma forma, o produtor rural pode exercer atividade remunerada, registrada em carteira, pelo período de 120 dias por ano. “Se ele se dedica a uma atividade que, em determinado



período do ano, não tem demanda, o produtor pode, por exemplo, desenvolver um trabalho remunerado na cidade, desde que não ultrapasse o período previsto em lei”, ressalta Czornei. “Por outro lado, como não pode ter outra fonte de renda, ele não pode, por exemplo, arrendar parte da propriedade”, acrescenta.

## Contribuinte individual

Os produtores rurais que exercem a atividade em propriedades maiores que quatro módulos fiscais e/ou que têm empregados fixos e/ou por períodos superiores aos definidos na legislação, são classificados como contribuinte individual da previdência. Os cidadãos enquadrados neste modelo podem se aposentar com idade mínima de 65 anos, se homem, ou 62 anos, se mulher. “Este contribuinte deve recolher contribuição previdenciária mensal. A esposa do produtor enquadrado nesta categoria, se quiser se aposentar, também precisa recolher sua contribuição”, aponta Czornei.



## Preparação

O técnico do Departamento Jurídico enfatiza a necessidade de o produtor rural se preparar para a aposentadoria, reunindo a documentação necessária para comprovar seu enquadramento na categoria. Para comprovar o exercício da atividade, por exemplo, valem contratos, bloco de notas, notas fiscais de mercadorias e insumos, documentos referentes à entrega (venda) de sua produção, Declaração de Aptidão ao Pronaf (DAP), entre outros (consulte a lista completa de documentos no sindicato rural).

“O produtor não pode pensar na aposentadoria só quando estiver perto de dar entrada no pedido do benefício. O ideal é que ele se prepare, que veja com antecedência em que condição se encaixa e, principalmente, que vá juntando a documentação ou recolhendo a contribuição. Em caso de dúvidas, o produtor deve procurar o sindicato de seu município”, ressalta Czornei.

## Categorias previdenciárias

Veja as duas categorias em que o produtor rural pode se enquadrar e os requisitos de cada uma:

### Segurado Especial

**Idade mínima:** 60 anos (homem) e 55 anos (mulher)

**Tempo de atividade rural:** 180 meses

**Condições da propriedade:** área de até quatro módulos fiscais, não utilizar empregados\* e não pode ter outra fonte de renda\*\*

\*Pode contratar diarista ou trabalhador temporário por 120 dias por ano

\*\*Pode exercer atividade remunerada por 120 dias por ano

### Contribuinte individual

**Idade mínima:** 65 anos (homem) e 62 anos (mulher)

**Tempo de atividade rural:** 180 meses

**Tempo de contribuição:** 180 meses

**Condições da propriedade:** com área superior a quatro módulos fiscais ou que utilize empregados

**Em caso de dúvidas ou para saber que documentos podem ser usados para comprovar atividade rural, entre em contato com seu sindicato rural.**

# Reino Unido: saída da União Europeia abre caminho para o Paraná

País pode representar um novo mercado e oportunidades de negócios para a agropecuária nacional e estadual

Por Bruna Fioroni



No dia 31 de dezembro de 2020, o Reino Unido deixa oficialmente a União Europeia. O processo de separação, conhecido como Brexit, foi oficializado em janeiro deste ano, e levanta expectativas sobre possíveis impactos nos negócios com o restante do mundo. O futuro das relações comerciais com os britânicos ainda é indefinido, pois muito depende de como será concluído o acordo com a União Europeia neste período de transição pós-Brexit. No entanto, já é possível sondar perspectivas, que, no caso do Brasil, espera encontrar oportunidades para abertura de novos mercados.

O agronegócio tem interesse em estabelecer relações comerciais com um Reino Unido independente. Se hoje a parcela de exportações brasileiras para o país é relativamente pequena – em 2019, a participação foi de 1,31%, segundo dados de comércio exterior do Ministério da Economia –, com a saída da União Europeia, abrem-se espaços que podem ser ocupados.

A possibilidade de melhoria das condições de competitividade dos produtos brasileiros levanta expectativas positivas. Por outro lado, há receio sobre um possível aumento de custos logísticos e alfandegários e outros entraves relacionados às exportações via Europa. Esses e outros pontos foram levantados por meio do projeto de monitoramento comercial denominado “Brazil Brexit Watch” (em português, Observa-

tório Brasileiro do Brexit), ação coordenada da Embaixada do Brasil em Londres e da Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil).

Em um primeiro momento, o Brasil não é uma prioridade para os britânicos. Depois da União Europeia, cujas negociações ainda acontecem, o interesse é pelo mercado dos Estados Unidos, Nova Zelândia, Austrália e Japão.

Apesar disso, para o adido agrícola brasileiro no Reino Unido, Augusto Billi, o cenário para os brasileiros se mantém positivo. “O Brasil não está, de início, como prioridade, mas a economia brasileira se torna relevante para o Reino Unido. É um grande mercado que eles não devem negligenciar, em termos políticos, inclusive. Eu sou otimista, chegará a hora que vamos fechar acordos e temos que lutar por isso. Nós estamos avançando em conversas na área agrícola, nessa intenção de pavimentar a estrada para uma aproximação mais profunda”, afirma Billi.

Na opinião da chefe do Departamento de Agricultura na Embaixada do Brasil no Reino Unido, Carolina Von Der Weid, o estabelecimento de um acordo entre os dois países depende, em grande parte, do posicionamento e mobilização do setor privado brasileiro. “No momento em que a decisão no Brasil for tomada para abrir essa negociação ou, pelo menos, para dar um pontapé concreto, ou seja, um diálogo de algo exploratório, que é a primeira fase da negociação, é muito improvável que os britânicos neguem”, aponta.

## Oportunidades para o Paraná

O Reino Unido é um grande importador de alimentos – cerca de 50% do que é consumido no país –, o que desperta os olhares do agronegócio paranaense. No setor de frutas, 83% são importados e, destes, 60% vêm da União Europeia. Segundo o adido, caso o acordo entre Reino Unido e União Europeia resulte em uma redução dos fluxos de comércio ou em um acesso mais favorável ao mercado britânico, as frutas brasileiras se tornam mais competitivas, principalmente cítricos. Atualmente, a pauta de exportações do Paraná para o Reino Unido é centrada no complexo carnes, com 58%, seguido por produtos florestais, com 25%, e café, com 7%.

De acordo com o Departamento de Economia Rural (Deral) da Secretaria Estadual de Agricultura e Abastecimento (Seab), a produção de laranja do Paraná é uma das mais competitivas do país, ocupando a terceira posição no ranking nacional. Do total produzido, 95% vão para a exportação. Além da laranja, o limão e a tangerina também se destacam na produção estadual, fazendo com que a citricultura represente mais de 60% da colheita de frutas no Estado.

Um dos destaques entre os consumidores britânicos é o interesse por produtos sustentáveis, orgânicos e com maior valor agregado. Segundo Billi, o apelo sustentável tem entrada garantida tanto na Europa como no Reino Unido e é uma oportunidade para o desenvolvimento de novas estratégias de exportação. Produtos regionais, como nozes e o famoso pinhão, também chamam a atenção dos britânicos, que gostam de “pagar pela experiência”.

Ainda, o mercado de produtos vegetarianos e veganos vêm ganhando enorme espaço no Reino Unido, com crescimento exponencial do número de britânicos adeptos a essas formas de consumo. Na mesma linha, estão os produtos *cruelty free* (em português, livre de crueldade), que se refere à produção que não envolve testes em animais.

De acordo com o adido, há movimentação para abertura de mercado para carne suína, pescados, ovos e lácteos – este último atualmente fechado para a União Europeia. As negociações são voltadas para a efetivação de um *prelisting* para as exportações, ou seja, um sistema de listas pré-autorizadas de estabelecimentos exportadores.

Com relação ao protecionismo agrícola de ordem sanitária, Carolina aponta a tendência de um alinhamento com o que já é praticado na União Europeia. “Os britânicos serão bastante rigorosos, mas, também, são muito pragmáticos com o que interessa. Eu acredito que vai ser uma conversa boa, mas não necessariamente fácil”, adianta.

Sobre o complexo carnes, de um modo geral, o acesso ao mercado britânico é dificultado pela forte concorrência com a Irlanda, principal fornecedor de carne *in natura*. O futuro reconhecimento internacional do Paraná como área livre de febre aftosa sem vacinação, pela Organização Mundial de Saúde Animal (OIE) em 2021, pode ser um facilitador nesse sentido. No caso da carne suína, a aprovação de sistemas separados de criação pelo uso da ractopamina é o principal entrave.

Apesar dos obstáculos em relação à competitividade e questões sanitárias, para os britânicos, a principal variável de compra ainda é o preço, principalmente em relação às carnes. “Eles sabem que o produto brasileiro é de alta confiabilidade, que a entrega é feita quando precisa e conforme acordado, e tem um ótimo preço. Para os grandes atacadistas, isso ainda é definidor”, salienta Carolina.

## Termos e tarifas

Durante o período de transição do Brexit, permanecem vigentes no Reino Unido as tarifas aplicadas a União Europeia. A partir de 1º de janeiro de 2021, as alterações acontecem com base na nova política tarifária britânica, denominada “*UK Global Tariff*”.

A média de tarifas para produtos agropecuários foi reduzida de 15,9% para 10,6%. Algumas linhas no setor de frutas tiveram redução de quase um ponto percentual da alíquota de importação. Outras reduções de interesse para o produtor brasileiro são a eliminação de tarifas para produtos como milho, gelatina, óleos essenciais, sucos e extratos vegetais, leveduras, tecidos de algodão e couro.

Mais detalhes sobre as mudanças nas tarifas e outros termos, como declarações e documentações, podem ser encontrados no site [http://bit.ly/BI1523\\_Brexit](http://bit.ly/BI1523_Brexit).

# Sistema FAEP/ SENAR-PR promove curso pioneiro de seguro agrícola

Com aulas *online*, formação levará informações qualificadas para ajudar produtor rural a conhecer a ferramenta de gestão de riscos



ATUAÇÃO

De forma pioneira, o Sistema FAEP/SENAR-PR vai ofertar um curso sobre seguro rural agrícola nas culturas de grãos. O objetivo da formação é detalhar a importância da ferramenta para a gestão de riscos dos produtores rurais e esmiuçar os detalhes das modalidades ofertadas. Até março de 2021, serão 15 turmas-piloto, com 30 alunos cada, com aulas ministradas de forma *online*. Os interessados podem entrar no site da entidade ([www.sistemafaep.org.br](http://www.sistemafaep.org.br)) para deixar suas informações na lista para as próximas turmas.

“A agropecuária é uma indústria a céu aberto e, desta forma, fica sujeita a intempéries climáticas e ações que fogem ao controle do produtor. Por isso, é importante que o produtor tenha em mãos informações sobre como funciona o seguro, para contratar a modalidade mais adequada à sua realidade”, aponta Ágide Meneguette, presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR.

O Paraná é o Estado com o maior número de contratos: mais de 38 mil apólices em 2019 no âmbito do Programa de Subvenção ao Prêmio do Seguro Rural (PSR) do governo federal, o que corresponde a 40% do volume subsidiado contratado em todo o país.

## Módulos

O curso, dividido em três módulos, terá a participação de especialistas. O primeiro módulo será conduzido por Gilson Martins, fundador e coordenador do Centro de Economia Aplicada, Cooperação e Inovação no Agronegócio (CEA) da Uni-

versidade Federal do Paraná (UFPR), que vai abordar temas como gestão de risco; detalhes do Programa de Subvenção ao Prêmio do Seguro Rural (PSR) e Zoneamento Agrícola de Risco Climático (Zarc).

O segundo módulo será com o consultor e especialista em seguro rural, Luiz Antonio Digiovani, que vai detalhar as modalidades de seguro rural ofertadas pelo mercado e os tipos de cobertura de cada uma.

Na última etapa, Odair Machado, sócio proprietário da empresa de regulação agrícola e rural Agrotrust Perícias, vai falar sobre pontos de atenção nos contratos em que os produtores devem ficar de olho, além de explicar como é realizada uma perícia e como funciona o prêmio ao seguro rural.

## Serviço:

“Curso: Seguro Agrícola para Grãos”

**Carga-horária:** 6 horas

**Modalidade:** *Online* e Gratuito

**Público alvo:** produtores e sindicatos rurais

**Inscrições:** [sistemafaep.org.br/curso-seguro-agricola/](http://sistemafaep.org.br/curso-seguro-agricola/)

**Mais informações:** (41) 2169-7923

# Lácteos apontam tendência de queda para outubro

Após alcançar pico em setembro, capacidade de alta perdeu força e valor de referência deve fechar este mês em baixa

Depois de quatro meses consecutivos de alta, a tendência de subida nos valores de referência do Conseleite-PR parece ter chegado ao seu limite. Após atingir o pico de R\$ 1,957, em setembro, a projeção para outubro é de R\$ 1,853 (redução de R\$ 0,13), o que representa uma queda de 6,7% na comparação de outubro com setembro deste ano. Os números foram divulgados durante reunião da entidade, no dia 20 de outubro, via videoconferência, com a participação do Sistema FAEP/SENAR-PR.

De modo geral, os números demonstraram que o leite fluido e os derivados ainda seguiram em uma movi-

mentação de alta em setembro. Desde maio, o setor lácteo vive em um cenário atípico devido aos reflexos da pandemia do novo coronavírus. Foram quatro meses seguidos de elevações, saindo do valor de referência de R\$ 1,304, em maio, para R\$ 1,957 em setembro.

A expectativa do encerramento do pagamento do auxílio emergencial pelo governo federal e a redução no poder de compra do consumidor brasileiro são apontados como principais motivos para o fim da tendência de alta. A principal preocupação agora é com uma possível desaceleração na demanda, que pode provocar um novo ajuste ao setor lácteo.

Isso em um momento no qual os custos de produção estão nas alturas, já que as *commodities* agrícolas (principalmente soja e milho) estão em patamares recordes de preços.

“Isso é um fator preocupante, pois na realidade do produtor hoje há muito pouco espaço para a redução no preço pago pelo leite. Os custos de produção aumentaram violentamente. É preciso que haja uma atenção especial em relação ao equilíbrio do setor como um todo, é a hora de intensificarmos ainda mais o diálogo entre os elos da cadeia produtiva”, convocou Ronei Volpi, presidente da Comissão Técnica de Bovinocultura de Leite da FAEP.

## VALORES DE REFERÊNCIA DA MATÉRIA-PRIMA (LEITE)

POSTO PROPRIEDADE\* - AGOSTO/2020 e SETEMBRO/2020

Matéria-prima	Valores finais em Agosto/2020	Valores finais em Setembro/2020	Variação (Setembro - Agosto)	
	(leite entregue em Agosto a ser pago em Setembro)	(leite entregue em Setembro a ser pago em Outubro)	Em valor	Em %
Leite PADRÃO (R\$/Litro)	1,8777	1,9573	0,0796	4,24%

## VALORES DE REFERÊNCIA DA MATÉRIA-PRIMA (LEITE)

POSTO PROPRIEDADE\* - SETEMBRO/2020 e OUTUBRO/2020

Matéria-prima	Valores projetados Setembro/2020	Valores projetados Outubro/2020	Variação (Outubro - Setembro)	
	(leite entregue em Setembro a ser pago em Outubro)	(leite entregue em Outubro a ser pago em Novembro)	Em valor	Em %
Leite PADRÃO (R\$/Litro)	1,9860	1,8530	-0,1330	-6,70%

Para o leite pasteurizado o valor projetado para o mês de outubro de 2020 é de **R\$ 2,8575/litro**.

Em função da atualização dos parâmetros técnicos utilizados para os cálculos do valor de referência, desde janeiro de 2020, somente são publicados os valores atualizados.

# Inspirado em filme, ex-aluno do JAA constrói sistema de oxigenação para peixes

Alisson Dias Bernardes, de 15 anos, improvisou um cata-vento que mantém compressor do tanque em funcionamento



Alisson e seu cata-vento: inspiração cinematográfica



Criação de peixes foi inspirada em vídeos do YouTube

Há três anos, Alisson Dias Bernardes mantém um tanque de peixes no quintal da casa onde mora, no distrito de Paraná do Oeste, município de Moreira Sales, Oeste do Paraná. Para garantir a oxigenação da água, o rapaz tinha construído com as próprias mãos um sistema artesanal, usando o

motor e o compressor de uma velha geladeira. O motor, no entanto, queimou, trazendo um impasse ao jovem. Foi então que Alisson buscou a solução, inspirado no filme “O menino que descobriu o vento”, que assistiu durante atividade do Programa Jovem Agricultor Aprendiz (JAA), do SENAR-PR.

# Memória do Campo



Baseado em fatos reais, “O menino que descobriu o vento” conta a história real de William Kamkwamba, um jovem de 14 anos que vive em um vilarejo que historicamente enfrentava uma seca severa, no Malawi, país localizado no Sudeste da África. Mesmo com pouco acesso à informação, o rapaz construiu uma turbina eólica que permitiu bombear água para o cultivo de alimentos no povoado. Os esforços de William acabaram por salvar o vilarejo.

“Quando assisti ao filme durante o JAA, eu fiquei impressionado, mas ainda não tinha o problema. O problema surgiu quando queimou o motor do meu sistema de oxigenação de água”, conta Bernardes.

Assim como no filme, o jovem de Moreira Sales aproveitou os poucos recursos que tinha. Usando lâminas de lata de tinta, ele improvisou hélices, com as quais construiu um cata-vento. No novo sistema, a energia eólica mantém o funcionamento do compressor, que faz a oxigenação da água. Desta forma, o rapaz conseguiu manter seu tanque caseiro em funcionamento. “O vento faz girar as hélices, que acionam o compressor, que oxigena a água”, sintetiza. “Hoje, tenho 25 tilápias e cinco cascudos. O sistema deu certo”, comemora.

Bernardes assistiu ao filme no ano passado, durante o JAA. Instrutora do programa na região, Linda Noara Pionkoski Grilo optou por passar “O menino que descobriu o vento” aos alunos como ponto de partida para discutir temas, como empreendedorismo, inovação, importância do conhecimento e oportunidades geradas pela ciência. Assim que aluno colocou seu sistema em funcionamento, fez questão de dividir a experiência com a professora.

“Ele entrou em contato para me mostrar. É uma sementinha que a gente plantou, que germinou e que está dando frutos. Eu fiquei muito feliz por ele ter aplicado esse conhecimento e por ter compartilhado”, ressalta Linda. “O Alisson é um aluno muito dedicado, vai muito bem na escola. Ele é extremamente curioso, gosta de estudar, de ver o conhecimento aplicado”, acrescenta.

## Tanque

A ideia para o tanque de peixes surgiu quando Alisson tinha apenas 12 anos. Na ocasião, ele viu vídeos no *Youtube* e ponderou que poderia criar peixes no quintal de casa, a partir de um sistema caseiro. Para isso, ele usa uma caixa d’água de mil litros, além do sistema de oxigenação que fez com peças de geladeira. “Está dando certo. Já tivemos até carpas, mas elas já foram para a panela”, conta o rapaz.

Hoje, Alisson cursa o 1º ano do Ensino Médio, no Colégio Estadual Maria Cândida de Jesus. Bom aluno, ele ainda não sabe que profissão quer seguir ou em que área pretende se especializar. A única coisa de que não tem dúvidas é de que quer ter sempre o conhecimento e a ciência ao seu lado. “Eu pretendo fazer algo grandioso, algo importante”, diz Alisson. Alguém duvida de que ele vai conseguir?



## Suínos na ponta do lápis

Há dez anos, o Boletim Informativo trouxe exemplos concretos de suinocultores das regiões Oeste e Sudoeste do Paraná que comemoravam bons resultados, após adotarem o controle administrativo de seus negócios, com base nos custos de produção levantados pelo Sistema FAEP/SENAR-PR. Na ocasião, os produtores vinham de perdas amargadas nos anos anteriores e, com mudanças na gestão, conseguiram reverter o resultado negativo.

Publicada na edição 1107, de agosto de 2010, a reportagem mostrou, por exemplo, o caso dos produtores Clarindo Mazarollo e de Ivacir Cerutti, ambos de Toledo. Os dois suinocultores, além de terem em mãos os dados do custo de produção, também se apoiaram na tecnologia, adotando *softwares* de administração, para fazer a gestão de suas respectivas propriedades. Esse acompanhamento, é claro, foi uma das chaves para que obtivessem lucro.

Hoje, o levantamento dos custos de produção da suinocultura e da avicultura já entrou no calendário do produtor rural paranaense. Os dados são indispensáveis para que os pecuaristas possam fazer o controle efetivo do negócio e usar as informações em negociações com as agroindústrias. Neste ano, em razão da pandemia do novo coronavírus, o Sistema FAEP/SENAR-PR está fazendo o levantamento de forma remota. Fique de olho no calendário a ser divulgado pelo seu sindicato rural.

# O raide do Jahu

João Ribeiro de Barros foi o primeiro piloto a cruzar o Oceano Atlântico de avião sem escalas, com um trecho direto entre Cabo Verde e Fernando de Noronha, no Brasil



João Ribeiro de Barros nasceu em Jaú, no interior de São Paulo, no dia 4 de abril de 1900, em família abastada graças à lavoura de café. Ainda jovem, influenciado pelo pai, apaixonou-se pela aviação, o que o levou a viajar à América do Norte, pela primeira vez, em 1919. Em fevereiro de 1923, prestou exame no Aeroclube Brasileiro, tendo obtido o *brevet* internacional de nº 88.

Na época em que tirou sua licença de piloto, os portugueses Gago Coutinho e Sacadura Cabral já tinham feito uma travessia transoceânica, em 1922, no contexto das comemorações do Centenário da Independência do Brasil. A jornada dos lusitanos, no entanto, teve uma série de imprevistos que exigiu, inclusive, trocar de avião para conseguir completar a façanha.

Na década de 1920, a efervescência pela quebra de recordes e o estabelecimento de aventuras até então inéditas inflamaram a imaginação do jovem aviador paulista. Os grandes “reides” transoceânicos, como eram chamadas essas travessias, eram tão perigosas quanto gloriosas, considerando a precariedade de meios e do baixo grau de confiabilidade da aviação de então.

Ribeiro de Barros, obstinado a se colocar na história da aviação, estudou o assunto com o seu amigo e mentor, Gago Coutinho. Decidiu-se pela aquisição, em Gênova, na Itália, de um hidroavião usado, chamado “Alcyone”. Barros aceitou comprá-lo desde que a aeronave fosse reformada, com a troca dos motores por dois “Isotta Fraschini Asso 500” (desenvolvendo 550 HP de potência máxima cada). Após a reforma, o aerobote foi rebatizado com o nome de “Jahu” (na ortografia da época).

A tripulação foi constituída pelo amigo e mecânico Vasco Cinquini e o navegador e capitão Newton Braga, oficial de cavalaria em vias de passar à reserva. Para segundo piloto este lhe sugeriu o nome do tenente Arthur Cunha, jovem piloto de caça formado na Escola do Campo dos Afonsos.

A carga útil da aeronave foi reduzida a um mínimo, suprimindo-se até o equipamento de rádio. O avião fora transformado em um grande tanque de combustível voador, com 16 reservatórios, conferindo uma autonomia entre 14 e 16 horas de voo, a uma velocidade de cruzeiro de apenas 166 km/h.

Para fazer a travessia partindo de Cabo Verde era preciso chegar até ao arquipélago, que fica próximo à costa africana. Só que chegar até lá foi um verdadeiro martírio. O hidroavião foi alvo de diversas sabotagens, o que obrigou a tripulação a bombear combustível manualmente em algumas ocasiões. Foi por muito pouco que a aeronave não caiu, sendo praticamente um milagre, após as várias escalas fora do previsto, o hidroavião ter chegado a Cabo Verde.

Uma briga entre tripulantes fez com que um dos pilotos da tripulação tivesse que ser demitido. Deprimido, após pegar quatro malárias e com o avião avariado, Barros estava prestes a desistir quando consultou a sua mãe, Dona Margarida, sobre o que deveria fazer. Esta respondeu com um telegrama emocionado: “Providenciaremos continuação do reide custe o que custar. Paralisação rei-de será fracasso. Asas avião representam bandeira brasileira...”.

A convite da família Barros, o tenente João Negrão, aviador da Força Pública paulista que, sem nunca ter pilotado um hidroavião, zarpou para Cabo Verde, onde foi recebido efusivamente pela tripulação, mais uma vez completa.

Com o avião ancorado ao relento durante meses, a tripulação precisou fazer uma revisão completa. Para espanto de todos, foi descoberta a presença de um pedaço de bronze solto no cárter do motor traseiro, revelando outra sabotagem contra o Jahu. Felizmente, o próprio exagero no tamanho da peça usada tinha feito com que ela permanecesse no fundo do carter, evitando maiores danos ao motor.

Após os últimos preparativos, na madrugada de 28 de abril de 1927, o Jahu decolou rumo ao Brasil. A uma altitude de 250 metros e a uma velocidade recorde de 190 km/h, a aeronave voou durante 12 horas ininterruptas, sem escalas, rumo a Fernando de Noronha, pousando na enseada Norte da ilha sob o sol poente, com problemas na hélice traseira e com 250 quilos de combustível ainda a bordo.

Todo o país explodiu em comemorações, com acolhidas festivas aos aviadores em todas as demais etapas do percurso: Natal, Recife, Salvador, Rio de Janeiro, até à conclusão do reide na represa de Santo Amaro, em São Paulo, em agosto do mesmo ano.



# Campo vulnerável

Propriedades rurais se tornam alvo de quadrilhas especializadas, de olho em máquinas e insumos agrícolas

Por Felipe Aníbal

Já passava das 21 horas quando João Carlos Carrion encerrava o expediente na fazenda em que é funcionário, em Astorga, Norte do Paraná. Ele desceu do trator e fechava as barras do pulverizador, no instante em que foi surpreendido por dois bandidos armados – um com uma carabina, outro com um revólver. Carrion foi encapuzado, amarrado e colocado no banco de trás do automóvel dos assaltantes. Enquanto um dos ladrões rodava de carro com o agricultor, o outro levava o maquinário. Ele foi libertado em um canavial já na alta madrugada, no município vizinho de Ângulo, a 30 quilômetros de Astorga. O crime ocorreu em 24 de abril deste ano. O trator John Deere 6100 (avaliado em R\$ 120 mil) e o pulverizador Columbia (estimado em R\$ 30 mil) jamais foram encontrados.

Longe de ser uma exceção, o caso ilustra uma realidade grave: a vulnerabilidade das zonas rurais, que tem tornado o homem do campo e sua família alvos de quadrilhas. Segundo a Secretaria de Estado da Segurança Pública (Sesp), ao longo dos últimos dois anos e meio, o Paraná registrou 2.354 roubos a propriedades rurais (quando bandidos armados rendem as vítimas) e 19.261 furtos (em que ladrões levam os bens quando a vítima não está no local ou não percebem a ação). Além disso, 1.026 veículos foram furtados e 750 foram roubados no meio rural. Juntos, são quase 23,4 mil ocorrências em meio rural, no período: média de 779 por mês. Por um lado, o número de casos vem caindo, mas ainda estão em um patamar preocupante: são 25 furtos ou roubos em meio rural por dia. Os dados dizem respeito apenas aos crimes em que as vítimas registraram boletim de ocorrência.

“É um tipo de ocorrência que nos preocupa. O produtor rural trabalha de sol e a sol, paga seus impostos e, mesmo durante a pandemia do novo coronavírus, manteve a produção e sustentou a economia. Fazemos nossa parte da porteira para dentro. Precisamos que o poder público faça a parte dele e garanta nosso direito à segurança. Precisamos ter segurança para continuar produzindo”, disse o presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR, Ágide Meneguette.





Há anos acompanhando a situação de perto, o Sistema FAEP/SENAR-PR tem adotado uma série de providências, seja cobrando autoridades ou orientando produtores rurais. No ano passado, por exemplo, a Federação enviou um ofício à Secretaria de Estado da Segurança Pública (Sesp), solicitando a criação de uma força-tarefa para investigar e desbaratar quadrilhas que têm como alvo propriedades rurais. Em 2017, a FAEP e o governo do Estado Paraná publicaram uma cartilha com orientações que os produtores podem tomar para minimizar a ação dos bandidos. A cartilha está disponível no site da entidade ([bit.ly/cartilhasegurançarural](http://bit.ly/cartilhasegurançarural)).

Além disso, a entidade também vem estimulando que os agropecuaristas fortaleçam a segurança local, participando dos Conselhos Comunitários de Segurança (leia mais na página 19).

Dono da fazenda assaltada em abril – e cuja ocorrência foi relatada no início desta reportagem –, o produtor rural Ademir Primon conta que formalizou boletim de ocorrência assim que seu funcionário foi localizado. O próprio produtor chegou a fazer buscas, seguindo o rastro deixado pelo trator na estrada rural, mas não conseguiu encontrar os maquinários. Apesar do empenho, ele se sente frustrado com a falta de satisfação por parte do poder público.

“Nunca nem ligaram para perguntar ou para me informar”, disse. “Eu tenho propriedade no Mato Grosso e no Mato Grosso do Sul. Lá ninguém bagunça assim, não. Raramente essas coisas acontecem lá. Quando acontece, a polícia vai atrás e pega. Lá, a bandidagem não se cria”, acrescentou.

## Bens agropecuários na mira

Os casos sugerem que, cada vez mais, os bandidos estão de olho em bens específicos, diretamente relacionados à atividade rural, como máquinas e insumos, além dos próprios produtos agropecuários. Em 30 de maio de 2019, por exemplo, o produtor Volter Lucas Schwerz foi rendido por um homem armado, quando terminava de ordenhar as vacas em sua propriedade, em Cidade Gaúcha, Noroeste do Paraná. Outros três bandidos apareceram e a quadrilha o levou para dentro de casa, onde estava o filho do pecuarista, que tinha nove anos de idade. Ali, os ladrões começaram a perguntar sobre o trator, um John Deere, que Schwerz tem.



*“Precisamos que o poder público faça a parte dele e garanta nosso direito à segurança”*

**Ágide Meneguette,  
presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR**

“Eles especulavam comigo que tipo de trator era. Ai, um deles se afastava e conversava por telefone com o receptor. O modelo acabou não interessando e eles não levaram o trator”, disse o produtor.

Os bandidos, no entanto, não perderam a viagem. Lotaram o carro de Schwerz, um Nissan Versa, com objetos de valor que encontraram na casa, como um *notebook*, R\$ 1,5 mil em dinheiro, algumas joias e até carne que estava no *freezer*. Pai e filho foram levados pelos bandidos a um canal que fica a 12 quilômetros da fazenda. Lá, foram soltos, durante a madrugada. Os ladrões optaram por não levar a caminhonete F-350 que havia na propriedade. As vítimas voltaram à propriedade andando. Posteriormente, a polícia prendeu uma quadrilha na região e Schwerz foi chamado para reconhecer os bandidos, mas não foi possível identificá-los, já que os assaltantes estavam encapuzados quando invadiram sua fazenda.

“Na hora que você está nas mãos dos bandidos, se passam mil coisas na cabeça. Dá uma sensação de impotência muito grande, principalmente com filho pequeno”, disse Schwerz. “Eles eram franzinos, moleques, todos com menos de 25 anos”, acrescentou.

Ocorrido em maio de 2018, outro caso também ilustra o foco de quadrilhas em insumos agropecuários. Em uma noi-



Tratores recuperados em operação da PF no Sudoeste do Paraná



Rebanho furtado em Iretama foi reavido pelas forças de segurança

## Campo vulnerável

Nos últimos dois anos e meio, mais de **21,6 mil propriedades rurais** foram alvo de bandidos no Paraná e mais de **1,7 mil veículos** foram levados por ladrões



### AMBIENTE RURAL

#### FURTO:

*Cometido sem violência ou ameaças e, em geral, sem que as vítimas tenham percebido o crime. Se dá quando os ladrões, por exemplo, arrombam a propriedade rural quando as vítimas não estão em casa. Pena: Reclusão de um a quatro anos.*

2018	2019	2020*
8.320	7.864	3.077

#### ROUBO:

*Crime contra o patrimônio cometido com uso de violência ou de grave ameaça. Ocorre, por exemplo, quando os bandidos invadem a propriedade rural e rendem a(s) vítima(s), usando armas ou fazendo outros tipos de ameaça. Pena: Reclusão de 4 a 10 anos.*

1.163	852	339
-------	-----	-----

\* 1º semestre

Fonte: SESP | Infografia: Sistema FAEP/SENAR-PR



## VEÍCULOS

2018	2019	2020*
<b>330</b>	<b>291</b>	<b>129</b>

<b>528</b>	<b>336</b>	<b>162</b>
------------	------------	------------

te, um carro estacionou em frente à propriedade de Wolfgang Graf, às margens da PR-317, em Engenheiro Beltrão, Noroeste do Paraná. Os cachorros começaram a latir, chamando a atenção do produtor rural. Era uma estratégia dos bandidos. Enquanto as atenções se voltavam para a frente da sede, parte da quadrilha invadiu o barracão que ficava aos fundos da propriedade. Somente no dia seguinte é que Graf viu que os ladrões tinham furtado 180 quilos de inseticida (avaliados em R\$ 28 mil), além de 18 galões de glifosato e dez galões de outro defensivo.

“Também levaram algumas ferramentas, como motosserra e motobomba. A Polícia Civil fez perícia e constatou que foram cinco pessoas que entraram e que usaram uma caminhonete pequena. Na mesma noite, levaram uma carga de sementes de milho de um vizinho, oito quilômetros adiante”, disse Graf.

Entre o natal e réveillon do ano passado, a propriedade de João Laertes também foi alvo de uma quadrilha, no distrito de Entre Rios, em Guarapuava, no Centro-Sul. À noite, um homem chamou o gerente da fazenda pelo nome e quando ele saiu para atender, foi rendido por outros dois bandidos. O funcionário foi amarrado e sofreu tortura psicológica – os assaltantes pegaram uma seringa veterinária e ameaçavam aplicar Ivomec (medicamento veterinário para controle de parasitas) na vítima. Levaram ferramentas que estavam no barracão, como um compressor de ar. Além disso, mataram e carnearam uma vaca, que estava apartada no local.

“A casa do colaborador fica a cerca de 100 metros da sede. Acho que não vieram à sede, porque viram que tem alarme”, disse Laertes. “O problema é que esse tipo de crime cria um trauma muito grande. Até hoje o funcionário está apavorado”, disse.

## Receptadores

Para as forças de segurança, este tipo de crime só se sustenta em razão de uma figura específica: a do receptador, ou seja, aquele que compra os produtos furtados ou roubados. Afinal, as quadrilhas de assaltantes só agem porque há mercado para os bens obtidos de forma criminosa. A pena prevista para receptação não passa de cinco anos de reclusão. Na maioria dos casos, esses criminosos respondem pelo crime em liberdade. Em caso de condenação, podem cumprir a pena em regime semiaberto.

“O receptador é o principal. A gente tem mais aversão ao receptador do que ao próprio ladrão. Esses receptadores são, em geral, donos de mercados, de frigoríficos, fazendeiros. O principal articulador do furto de gado e de produtos agropecuários é o receptador”, disse o delegado João Paulo Sorigotti, da comarca de Terra Rica, Noroeste do Paraná.

No caso de implementos agrícolas e de insumos, fica ainda mais claro que os produtos furtados ou roubados são comercializados entre os próprios produtores rurais, em um mercado clandestino e criminoso. Por isso, Wolfgang Graf, por exemplo, aponta que os agropecuaristas devem ter consciência e jamais comprar bens de procedência duvidosa e

sem nota fiscal. Caso contrário, se estará fomentando esse círculo criminoso.

“Eu já tive oferta de insumos com preço 30% mais barato. Quando fui comprar, o vendedor não tinha nota, desconversou. Eu não comprei e acho que ninguém deve comprar. Senão, o agricultor está lesando outro agricultor”, opinou.

Em setembro de 2018, por exemplo, a Polícia Federal (PF) deflagrou a Operação Roda Livre. Em menos de um mês, 18 tratores foram recuperados. Quatro dessas máquinas estavam em uma revendedora de veículos de Santo Antônio do Sudoeste, no Sudoeste, onde os equipamentos eram negociados com produtores rurais da região. Na maioria dos casos, os agricultores compravam o implemento de boa-fé.

O problema, no entanto, é que as quadrilhas estão cada vez mais especializadas, o que dificulta o trabalho da polícia.

Em alguns casos, os bandidos se articulam com servidores públicos. Em um dos casos, um secretário municipal de agricultura chegou a ser preso. Ele emitia notas frias da carga que ainda seria furtada ou roubada. Quando os veículos eram abordados, os documentos falsos ajudavam a burlar a fiscalização.

“Nos últimos anos, tivemos duas grandes operações na comarca. A gente recuperou uma carga de carneiros furtados e de gado [bovino] também. Desvendamos uma associação criminosa que tinha até secretário envolvido nos furtos de animais, que eram levados para um frigorífico. Já tinha mercados grandes que recepitavam o produto”, disse o delegado Sorigotti. “Mas eles não ficaram presos, porque é um crime com pena baixa, porque [o furto] não envolve violência. Normalmente, eles não ficam presos”, acrescentou.

## Falta de estrutura dificulta prevenção e investigação

A prevenção e a investigação de crimes ocorridos em meios rurais esbarram em um problema estrutural crônico. A Polícia Militar (PM) – corporação responsável pelo trabalho preventivo – tem um efetivo de 19,2 mil agentes, dos quais 12,1 mil estão lotados no interior do Paraná. Como parte deles cumpre apenas funções administrativas e o efetivo se divide em escalas, o número de policiais nas ruas a cada turno é bem menor. Nos municípios com menos de 10 mil habitantes, o número de policiais é insuficiente: em regra, são dois policiais na ativa, a cada turno. Com isso, é impossível que se mantenha o policiamento ostensivo, principalmente em áreas rurais, mais afastadas.

Os produtores rurais reconhecem o empenho dos agentes, mas destacam a falta de infraestrutura. “A conversa com a PM tem sido boa. Eles fazem o que podem, mas são só seis policiais, em três escalas. Ou seja, são dois [policiais] por turno. E eles também têm que cuidar de outros três distritos. Não tem condições de fazer rondas, de fazer o preventivo”, apontou Wolfgang Graf, que também é presidente do Sindicato Rural de Engenheiro Beltrão.

Além disso, cerca de 150 municípios paranaenses não têm delegacia da Polícia Civil – responsável pela investigação dos crimes. Quando os furtos ou roubos ocorrem em localidades sem policiais civis, os casos são destinados à delegacia da comarca. O problema é que, mais uma vez, essas unidades enfrentam acúmulo de serviço e falta de efetivo. Quando foi vítima dos bandidos, por exemplo, o produtor Ademir Primon disse que chegou a dar suporte à polícia pagando combustível “do bolso” para que as viaturas pudessem ser usadas em diligências pela região.

“A segurança aqui na região é uma coisa vergonhosa. Quando tem alguma ocorrência, os policiais estão tão desassistidos que não têm condições de dar suporte para nada”, disse.

## Dinâmica

Além disso, a própria dinâmica dos casos dificulta a investigação. Isso porque as propriedades rurais se encontram, na maioria dos casos, em vias pouco movimentadas. Com isso, raramente há testemunhas que possam ajudar a polícia a identificar as quadrilhas e chegar aos bandidos. Mesmo em caso de roubos – em que os produtores têm contato direto com os assaltantes –, é difícil reconhecê-los, seja pelo fato de usarem máscaras, seja pelo fato estado emocional em que as vítimas ficam após as ações criminosas.

O delegado Sorigotti aponta, ainda, que a rápida destinação que os bandidos dão aos bens subtraídos dificulta a elucidação dos casos. “No caso de furto de gado, por exemplo: às vezes, o pecuarista descobre um ou dois dias depois. Quando é boi gordo, os bandidos levam direto para o frigorífico e já matam no mesmo dia. Então, é um crime bem difícil de descobrir”, apontou.

Neste contexto, as denúncias são fundamentais para ajudar a polícia. Em abril deste ano, PM localizou 27 cabeças de gado que haviam sido furtadas de uma propriedade rural em Iretama, Centro-Oeste do Paraná, após ter recebido informações anônimas. Por meio de nota, a Sesp disse que, além da articulação entre a PM e a Polícia Civil, conta com o trabalho de inteligência policial, “para levantamento de informações, as quais embasam o policiamento e o planejamento de ações e operações”. A pasta acrescenta que tem procurado ampliar a integração das forças policiais “junto a prefeituras e outras instituições, justamente para coibir ainda mais a ação de criminosos em todas as áreas”.



Imagem captada por uma das câmeras de segurança adquiridas pelo Conseg de Santa Isabel do Ivaí e que ajuda a monitorar áreas rurais do município

## Estimulados pela FAEP, conselhos contribuem com segurança dos municípios

Em 31 de julho de 2018, um produtor rural e a esposa tiveram a caminhonete roubada e foram sequestrados, em Santa Isabel do Ivaí, no Noroeste do Paraná. As vítimas foram libertadas pela Polícia Militar (PM), depois que imagens de câmeras de segurança instaladas em uma via rural registrou a passagem do veículo levado pelos bandidos. O sistema de vídeo-monitoramento do município foi custeado pelo Conselho Comunitário de Segurança (Conseg), que também tem auxiliado as autoridades em outras inúmeras ações.

Presidente de Conseg de Santa Isabel do Ivaí, desde junho de 2016, e atual diretor-executivo do sindicato rural local, Dionísio Roberto Torrezan, conta que o conselho investiu R\$ 80 mil na instalação do sistema de monitoramento, composto por 23 câmeras – quatro delas em estradas rurais. O montante foi investido pela própria comunidade. Desde então, o equipamento já ajudou na elucidação de vários crimes e contribuiu para reduzir o número de ocorrências.

“Não foi nem uma nem duas vezes. Foram muitas situações de furtos e roubos de gado, caminhonetes, estabelecimentos comerciais, residências e propriedades rurais, tanto em Santa Isabel do Ivaí, quanto em municípios vizinhos”, relembra Torrezan. “Nossa região é de fronteira e estava muito visada, o que fez com que a sociedade se organizasse por meio do Conseg”, acrescenta.

A participação efetiva em Conselhos Comunitários de Segurança é uma das orientações da FAEP aos sindicatos rurais do Estado. Na avaliação da Federação, a ação dos Conselhos é uma forma de os produtores rurais participarem das decisões relacionadas às políticas de segurança dos municípios e de colaborar com as autoridades, fortalecendo uma rede entre a sociedade e as polícias Civil e Militar.

O Sindicato Rural de Apucarana também participa do Conseg há mais de uma década. Presidente da entidade, Claudomiro Rodrigues da Silva, destaca a proximidade que o setor agropecuário estabeleceu com as forças policiais do município. Hoje, a prioridade do sindicalista é atuar para que Apucarana consiga uma nova patrulha rural. Ele destaca a necessidade de os produtores rurais participarem ainda mais das discussões e decisões do conselho.

“A gente decidiu montar o Conseg, na época, por causa da necessidade. A gente se organizou com a polícia e conseguimos muitas coisas. Fizemos cartilhas de orientação e várias reuniões nos distritos”, conta. “Mas o produtor precisa participar ainda mais. Muitos ainda pensam assim: ‘se não aconteceu comigo, por que eu vou participar?’. Mas todo mundo está sujeito. Não pode deixar para fechar a porteira só depois que o boi passar”, acrescenta.

# Setembro Amarelo & Outubro Rosa & Novembro Azul



**TEMPO DE CUIDAR DO CORPO E DA MENTE**

Todo ano, o Sistema FAEP/SENAR-PR se mobiliza a partir de campanhas que ressaltam a importância de cuidados com a saúde, como o Outubro Rosa (prevenção do câncer de mama e de colo de útero) e o Novembro Azul (prevenção a doenças masculinas). Agora, o Setembro Amarelo (prevenção ao suicídio) também faz parte dessa causa. Veja fotos de colaboradores de sindicatos rurais do Paraná que estão juntos nessa:

*Outras fotos dos colaboradores das entidades sindicais rurais serão públicas nas próximas edições do Boletim Informativo do Sistema FAEP/SENAR-PR.*



Sindicato Rural de Assaí



Sindicato Rural de Bituruna



Sindicato Rural de Campina da Lagoa



Sindicato de Cascavel



Sindicato Rural de Cianorte



Sindicato Rural de Jaguapitã



Sindicato Rural de Araruna



Sindicato Rural de Mangueirinha



Sindicato Rural de Guarapuava



Sindicato Rural de Marechal Cândido Rondon



Sindicato Rural de Guaira



Sindicato Rural de Mamboré

# Na fase final, Olimpíada Rural define equipes

Alunos foram divididos em 15 grupos de cinco participantes. Competição é realizada de forma virtual



A tradicional Olimpíada Rural, promovida anualmente pelo SENAR-PR, chegou à fase final. Para disputar essa etapa, os alunos dos programas Jovem Agricultor Aprendiz (JAA) e Aprendizagem de Adolescentes e Jovens (AAJ) foram divididos em 15 equipes de cinco integrantes de diferentes cidades, idades e programas (confira abaixo). Neste ano, devido à pandemia do novo coronavírus, a competição acontece em formato *online*.

Na etapa anterior, no total, 75 estudantes foram selecionados a partir de uma prova com questões de língua portuguesa, matemática e conteúdo técnico referente à prática agropecuária.

Nesta segunda e última prova, iniciada no dia 1º de outubro e que vai até o dia 15 de novembro, os alunos devem realizar um estudo de caso ligado à atividade agropecuária e à sustentabilidade. O desafio é solucionar um problema concreto, a partir de inovações tecnológicas para o meio rural, envolvendo a sustentabilidade.

As equipes têm o prazo dos dias 16 a 19 de novembro para fazer o *upload* dos trabalhos finais para serem analisados pela banca avaliadora. O resultado com os nomes das cinco equipes vencedoras será divulgado no dia 30 de novembro.

## Confira as listas das equipes:

### Amarelo

Alan Henrique Pedroso (Irati – JAA)  
Rafael Engels Kunen (Nova Esperança do Sudoeste – JAA)  
Nathalia Gabriele Pinatti da Silva (Môreira Sales – JAA)  
Mateus Ribeiro dos Santos (Iretama – JAA)  
Juliany de Carvalho Costa (Nova Londrina – JAA)

### Azul Claro

Kathusza Banaczeski Gosch de Souza (Coronel Vivida – JAA)  
Carla Eduarda Apolinario Rabelo (Itambé – JAA)  
Denise Krupek (Irati – JAA)  
Jeovana Kravelim (Mato Rico – JAA)  
Jucielen de Oliveira da Silva (Ivaté – AAJ)

### Azul Escuro

Josias Grzebielucka (Ipiranga – JAA)  
Maria Eduarda Augusto Pazini (Indianópolis – JAA)  
William Wallace Camparoto Galbiate (Paranacity – AAJ)  
Letícia Aparecida Vicente da Silva (Arapoti – JAA)  
Camila Fernanda Meireles (Marmeleiro – JAA)

### Bordô

Paulo Ricardo Amaral Daufenbach (Nova Tebas – JAA)  
Andressa Patrício (Indianópolis – JAA)  
Laryssa Carmelossi Aguiar (Floresta – JAA)  
Maria Eduarda Strujak (Irati – JAA)  
João Lucas Boiko (Campo Mourão – JAA)

### Branco

Matheus de Souza Silva (Mandaguaçu – AAJ)  
Alisson Olkoski (Nova Laranjeiras – JAA)  
Maria Clara Carvalho Theodoro (Moreira Sales – JAA)  
Maria Eduarda Rodrigues (Coronel Vivida – JAA)  
Marlene Eduarda Amadeu (Guapirama – JAA)

### Cinza

Naielle Gerber Becher (Manoel Ribas – JAA)  
Letícia Bortoleto Pais (Moreira Sales – JAA)  
Josias Pires de Moraes (Marmeleiro – JAA)  
Alan Aparecido Viana Ferraz (São João do Ivaí – JAA)  
Gabriel Almeida Ribeiro (Mandaguaçu – JAA)

### Laranja

Lucas Daniel Fogaça Figueiredo (Rondon – AAJ)  
Lidiane Medeiros dos Santos (Manoel Ribas – JAA)  
Marcelino Davi Machado (Chopinzinho – JAA)  
Aline Oliveira (Teixeira Soares – JAA)  
Ana Clara Ferrares (Marmeleiro – JAA)

### Marrom

Vanessa Nicoletti (Nova Esperança do Sudoeste – JAA)  
Eloísa Soares Leite (Nova Londrina – JAA)  
Emília Tabolka (Coronel Vivida – JAA)  
Levy de Andrade da Silva (Indianópolis – JAA)  
Douglas Sandeski (Nova Laranjeiras – JAA)

### Pérola

Larissa Emanuely Kowalski (Marmeleiro – JAA)  
Camila Pontes Paris (Indianópolis – JAA)  
Geovana Medeiros dos Santos (Manoel Ribas – JAA)  
Beatriz dos Santos Oliveira (Mandaguaçu – AAJ)  
Elinaira Romualdo Miranda (Ortigueira – JAA)

### Preto

Camila Amanda Kovalski (Teixeira Soares – JAA)  
Kamilly de Paula Vicente da Silva (Arapoti – JAA)  
Izadora Cristina Antes (Marmeleiro – JAA)  
Bruna De Vecchi Bonfim (Moreira Sales – JAA)  
Luciane Schmitz (Nova Esperança do Sudoeste – JAA)

### Roxo

Anderson Freire Valentim (Cidade Gaúcha – AAJ)  
Raquel Dovigo Noqueira (Cianorte – JAA)  
Maria Estela Cirilo Guimarães (Santo Antônio da Platina – JAA)  
Elis Romualdo Miranda (Ortigueira – JAA)  
Beatriz Bombarda Machado (Nova Prata do Iguaçu – JAA)

### Royal

Gabriela Gualter de Oliveira (Santo Antônio da Platina – JAA)  
Fabiana Ferreira da Silva (Salto do Lontra – JAA)  
Cristina Zabla (Prudentópolis – JAA)  
Geovana de Oliveira Sobrinho (Marmeleiro – JAA)  
Daniel Godinho de Souza (Floresta – JAA)

### Salmão

Ana Paula de Barros Zendrini (Jardim Alegre – JAA)  
Ana Paula dos Santos (Ortigueira – JAA)  
Gabrieli Duma (Nova Tebas – JAA)  
Luiz Carlos da Silva dos Santos (Cidade Gaúcha – AAJ)  
Naiara Dalmora (Marmeleiro – JAA)

### Verde

Eduarda Borges Rech (Enéias Marques – JAA)  
Fernanda Cardozo dos Santos (Moreira Sales – JAA)  
Lana Alves Silva (Cambé – AAJ)  
Maria Eduarda da Silva (Paranacity – AAJ)  
Maria Vitória Ramos (Jardim Alegre – JAA)

### Vermelho

Julia Camilly Torresilha Garcia (Floresta – JAA)  
Diego Tormen (Marmeleiro – JAA)  
Gabriela da Silva Gomes (Mato Rico – JAA)  
Kassio Felipe dos Santos (Engenheiro Beltrão – JAA)  
Rivaldo dos Santos Filho (Tapejara – AAJ)



# Cuia sai da roda e mate vive novos tempos no Paraná

Potencial transmissor do novo coronavírus, chimarrão se adapta em plena pandemia e registra aumento no consumo de erva-mate

Por Antonio C. Senkovski



Ainda cedinho, antes do sol subir e começar a esquentar a terra paranaense, chia uma chaleira com a água no ponto para preparar um chimarrão em milhares de lares. Em muitas regiões do Estado, o hábito é recorrente, inclusive preferido antes mesmo que o café ou outra bebida quente. É fato que a erva-mate faz parte da identidade esta-

dual, integrando até mesmo a bandeira do Paraná, atualmente o maior produtor nacional da matéria-prima para o chimarrão.

O hábito de consumir a bebida guarda em si um traço que se tornou preocupante com a pandemia do novo coronavírus: o compartilhamento da cuia. Hoje, uma lembrança distante, o

chimarrão era presença obrigatória (e compartilhado) em lojas agropecuárias, cooperativas, bancos, escritórios e outros estabelecimentos.

Com o coronavírus rondando, no entanto, o hábito diminuiu bastante, como forma de prevenção. E esse parecia ser o prenúncio de um golpe na cadeia do mate. Mas foi justamente o contrário.



Produtor Leandro Franchin, de Bituruna, no Sul do Paraná, aposta na cultura

Produtores de erva e indústrias do Paraná apontam um aquecimento do mercado, por conta de as pessoas estarem mais em casa, com mais tempo para preparar a bebida, e também a adaptação para a cuia individual.

## Maior procura

Produtor de erva-mate em folha em Bituruna, na região Sul do Paraná, Leandro Franchin cultiva em torno de 80 hectares. No caso dele, que produz em pomares nativos, a demanda por esse tipo de folha *in natura* costuma ser mais constante. Ainda assim, a região vive em uma atmosfera de entusiasmos nos últimos meses.

“Temos visto o mercado aquecido na região e podemos dizer claramente que teve um aumento da procura pelo produto, com mais indústrias ervateiras vindo buscar”, avalia Franchin.

De acordo com o produtor Leonardo Leanz, que cultiva em torno de 240 hectares de erva-mate nativa no mesmo município, nas primeiras semanas da pandemia, o setor sentiu o baque, com a desaceleração da economia. Mas, rapidamente, o mercado voltou ao normal e, agora, vive uma boa expectativa.

“O pessoal falou que ia ter demanda maior, porque em vez de compartilhar a cuia, o cidadão vai tomar o mate individual”, aponta Leanz.

## Indústria

Das lavouras, a folha segue para as ervateiras como a da família de Luiz André Shultz, administrador da Verde Real. A empresa processa em torno de 250 a 350 mil quilos de erva em folha por mês. O empresário revela que teve um aumento de até 15% na demanda pelos seus produtos, comercializados principalmente na região das Missões, no Noroeste do Rio Grande do Sul.

“A matéria-prima ficou mais difícil de conseguir, com mais gente comprando. Parte da explicação para isso é o pessoal ficar mais em casa, em *home office*, o que diminuiu a questão do compartilhamento no próprio local de trabalho. Antigamente você ia em lojas e sempre tinha o chimarrão compartilhado, negócio que terminou”, comenta Shultz.

## Cotação

O preço da arroba da erva-mate em folha fechou agosto de 2020 em R\$ 17,26, maior valor desde novembro de 2019, quando atingiu R\$ 17,31. Trata-se uma reação considerável nos valores pagos aos produtores, já que a arroba chegou a valer R\$ 15,98 em março de 2020, quando ainda não havia reflexos da pandemia.

## Soma de fatores explica esse resultado positivo

Para o presidente do Conselho Gestor da Erva-mate (Cogemate) do Vale do Iguaçu, Naldo Hiraki Vaz, a mudança de comportamento, com o uso da cuia individual, pode ter tido um pequeno efeito na demanda do chimarrão. Mas, há uma série de fatores que influenciam no bom momento vivido pela erva mate.

“A pandemia fez as pessoas ficarem mais em casa e isso aumentou bastante o consumo nos três grandes consumidores de chimarrão no mundo: Brasil, Argentina e Uruguai. Todo mundo está em casa, toma um mate, faz outro, diferente no escritório que não dá muito tempo. E tem ainda o fato que muitos estão tomando em cuias individuais”, descreve Vaz.

Um segundo aspecto, para o dirigente do Cogemate, é a questão do estoque regulador da Argentina. “Eles estão com uma reserva baixa do produto. Isso por causa do aumento do consumo durante a pandemia. Além disso, a Argentina é um dos maiores exportadores de erva-mate para o mundo. Ou seja, passaram a exportar mais também e, para suprir a demanda, foram obrigados a comprar de outros lugares, ou seja, do Paraguai e do Brasil”, analisa.

Por último, houve ainda problemas climáticos no país vizinho que, pelo segundo ano, afetaram a produtividade. “Além do aumento da demanda e estoque baixo, a Argentina vem passando por alguns anos com problemas de estiagem, com desdobramentos em uma produção menor”, finaliza Vaz.



## Nota Fiscal Eletrônica

A partir de 2021, a nota fiscal eletrônica vai substituir o modelo em papel nas operações interestaduais pelo produtor rural. Com essa preocupação, a FAEP está realizando uma série de vídeoaulas para disponibilizar aos sindicatos rurais, agricultores e pecuaristas do Paraná. Ainda em novembro, as gravações estarão à disposição. Na foto, o coordenador do Departamento Sindical da FAEP, João Lázaro (ao centro), com o auditor fiscal da Receita Estadual Jaime Massolar da Silva (esquerda na foto) e o chefe do setor de Documentação Fiscal eletrônica da entidade, Lhugo Tanaka Junior, que participaram das gravações.

## Agricultura de Precisão

O Sistema FAEP/SENAR-PR é um dos patrocinadores do AgroBIT 2020, evento que reúne tecnologia, inovação e sustentabilidade. Na ocasião, a entidade terá um estande virtual onde, entre outras coisas, vai apresentar seus cursos do Programa de Agricultura de Precisão. O evento será nos dias 10 e 11 de novembro, inteiramente à distância. Mais informações e inscrições no site [www.agrobitbrasil.com.br](http://www.agrobitbrasil.com.br).

## Irrigação de pastagens

Produtores que adotam ou planejam adotar o sistema de irrigação têm à disposição o recém lançado manual técnico "Manejo de Água no Solo para Irrigação de Pastagens na Região Noroeste do Paraná", publicado pelo Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná - Iapar-Emater (IDR-Paraná). Entre outras informações, a publicação traz o "passo a passo" para o manejo de sistemas de irrigação, com tensiômetro, em pastagens no arenito paranaense. A obra reúne resultados de experimentos realizados entre 2016 e 2019. O material está disponível no site [www.idrparana.pr.gov.br](http://www.idrparana.pr.gov.br).

## Webinar sobre javalis

O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) vai promover um *webinar* (seminário *online*) sobre a gestão de populações de javalis. O evento, que conta com o apoio da FAEP, será realizado no dia 29 de outubro, às 10 horas, com apresentações de especialistas do Brasil, Espanha e Alemanha. O objetivo é tratar a invasão e disseminação destes animais e mitigar o risco de contato entre os asselvajados e os domésticos/comerciais. O *webinar* é destinado a toda cadeia produtiva de suínos, produtores rurais em geral, profissionais do meio ambiente, controladores, estudantes, pesquisadores e serviço veterinário oficial. As inscrições devem ser realizadas no site do Mapa.

# Regularização fundiária

No dia 8 de outubro, o superintendente regional do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) no Paraná, Robson Luís Bastos (ao centro), esteve reunido com o presidente da FAEP, Ágide Meneguette (direita na foto), e o gerente do Departamento Jurídico da entidade, Klauss Dias Kuhnen, para alinhar as ações de regularização fundiária em faixa de fronteira, em especial a questão Braviaco. Ainda, as entidades alinharam um futuro acordo de cooperação técnica para fomentar as ações de regularização fundiária no Estado e de capacitação por meio do SENAR-PR. Atualmente, há cerca de 200 mil processos no Incra, sendo 80 mil referentes às titulações já realizadas, com seus respectivos comprovantes de pagamentos, e 40 mil ações de ratificação.



## INFORME

Veja também no site  
[www.fundepecpr.org.br](http://www.fundepecpr.org.br)

### FUNDEPEC - PR | SÍNTESE DO DEMONSTRATIVO FINDO 30/09/2020

HISTÓRICO/CONTAS	RECEITAS EM R\$			DESPESAS EM R\$			SALDO R\$	
	REPASSE SEAB		RESTITUIÇÃO DE INDENIZAÇÕES	RENDIMENTOS	TRANSFERÊNCIAS	INDENIZAÇÕES		FINANCEIRAS/ BANCÁRIAS
	1-13	14						
Saldo C/C	278,76	-	-	-	-	-	18,29	260,47
Serviços D.S.A.	403.544,18	-	-	138.681,09	542.225,27	-	-	-
Setor Bovídeos	8.444.549,48	278,44	-	47.230.984,82	-	2.341.952,64	-	53.870.370,52
Setor Suínos	10.323.319,02	2.210.606,80	-	4.877.724,41	-	192.156,99	-	17.219.493,24
Setor Aves de Corte	1.481.958,15	2.342.576,48	-	4.720.773,84	-	-	-	8.545.308,47
Setor de Equídeos	53.585,00	23.737,78	-	182.893,40	-	-	-	260.216,18
Setor Ovinos e Caprinos	123,76	-	-	17.915,72	-	-	-	23.754,33
Setor Aves de Postura	37.102,41	46.905,50	-	229.874,70	-	-	-	313.882,61
Pgto. Indenização Sacrificio de Animais*	-	-	-	-	-	141.031,00	-	(141.031,00)
CPMF e Taxas Bancárias	-	-	-	-	-	-	77.567,43	(77.567,43)
Rest. Indenização Sacrificio de Animais*	-	-	141.031,00	-	-	-	-	141.031,00
<b>TOTAL</b>	<b>20.744.460,76</b>	<b>4.624.105,00</b>	<b>141.031,00</b>	<b>57.398.847,98</b>	<b>542.225,27</b>	<b>2.675.140,63</b>	<b>77.585,72</b>	<b>80.155.718,39</b>
<b>SALDO LÍQUIDO TOTAL</b>								<b>80.155.718,39</b>

Ágide Meneguette  
Presidente do Conselho Deliberativo

Ronei Volpi  
Diretor Executivo

Simone Maria Schmidt  
Contadora | CO-CRC/PR-045.388/0-9

FUNDEPEC - PR - entidade de utilidade pública - Lei Estadual nº 13.219 de 05/07/2001.



# Novos hábitos impulsionam produção de amora no Paraná

## Cultivo do fruto avança entre pequenos e grandes produtores. SENAR-PR realiza curso sob demanda

Elas são pequenas, saborosas e velhas conhecidas dos paranaenses na sua versão silvestre. Nos últimos anos, novos cultivares e um mercado demandante têm transformado a amora em um negócio interessante do ponto de vista comercial.

De olho neste mercado em ascensão, produtores de São José dos Pinhais, na Região Metropolitana de Curitiba (RMC), contataram o sindicato rural local para demandar um curso nesta área. O SENAR-PR procurou especialistas e confeccionou uma formação sob medida para atender aos fruticultores do município.

“São José dos Pinhais é muito forte no morango. Aí começamos a buscar outra alternativa. Como essas frutas são muito semelhantes decidimos apostar na amora preta. Assim como vendemos o morango congelado, podemos fazer o mesmo com a amora. Hoje nossos agricultores estão fornecendo bastante para a merenda escolar. A ideia é colocar a amora junto”, afirma Paulo Ricardo da Nova, presidente do Sindicato Rural de São José dos Pinhais.

Segundo o dirigente, após o curso realizado em 2017, diversos produtores passaram a produzir a fruta, mesmo que em pequena escala, diversificando a produção e agregando mais valor às suas propriedades.

A produtora Ingrid Maria Naumann decidiu, após o curso, apostar na cultura de modo a somar com a produção de morangos que já tinha. “Achei o curso muito interessante. Hoje tenho só 20 mudas [de amora], mas penso em expandir”, afirma.

Com uma produção anual de 20 quilos de amora preta por ano, Ingrid apostou na venda direta da fruta congelada, sem passar por intermediários, para manter a margem. “Minha filha que comercializa. Se for por outro meio, cobram muito caro, tem muita burocracia”, acredita a produtora, que tem outros 1 mil pés de morango.

Sua colega de turma, Adair Aparecida Pereira, também apostou nas amoras pretas. “Por enquanto só estou com 30 mudas, mas quero diversificar a produção para agregar valor”, afirma a produtora, que já procurou o SENAR-PR para cursos nas áreas de morango e maracujá.

## O avanço da amora

Veja a produção e preços médios (reais por quilo) da amora no Paraná, ao longo dos últimos cinco anos



Fonte: ProHort/Conab

## Demanda crescente pela saúde

Parte do sucesso das amoras junto ao mercado consumidor se explica pelas suas qualidades nutritivas. Rica em vitaminas C, A e K, a fruta também possui componentes que desempenham funções antioxidantes. Este apelo nutricional, somado à demanda das indústrias (que transformam a fruta em polpas, geleias e sorvetes), fez a produção crescer e aparecer.

De acordo com informações do Programa Brasileiro de Modernização do Mercado de Hortigranjeiro (Prohort) da Companhia Nacional do Abastecimento (Conab), que mede a comercialização nos Ceasas, entre 2015 e 2019, o volume de amora produzido no Paraná mais do que dobrou, passando de 9.164 quilos para 20.574. O preço médio pelo quilo do produto também cresceu, passando de R\$ 8,94, em 2015, para R\$ 16,95 em 2019 (veja o gráfico acima).

Uma vantagem reservada ao Paraná nesta cultura é o clima. De acordo com a pesquisadora do Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná – IAPAR-EMATER (IDR-PR) Claudine Maria de Bona, que conduz projetos de pesquisa nas estações experimentais em Lapa (RMC) e Cerro Azul (Campos Gerais), um dos experimentos bateu o recorde nacional de produtividade de amora. “A média é entre 15 e 30 toneladas por hectare. Na Lapa, com clima propício e com irrigação, conseguimos 70 toneladas”, afirma.

Segundo a pesquisadora, a cultura tem boas perspectivas para prosperar no Paraná. “Tem tudo a ver com o nosso Estado. Serve tanto para os pequenos [produtores] quanto para os grandes. É bom para aproveitamento de área e possível fazer o cultivo orgânico, pois é uma espécie rústica, exige pouca adubação e fácil de manejar. Sem falar

que sempre tem mercado”, avalia. “No primeiro ano paga os custos. No segundo ano, já tira uma produção sustentável”, acrescenta.

## História

Apesar dos bons resultados que vem obtendo nos últimos anos nos pomares brasileiros, a amora ficou por muito tempo relegada a um segundo plano. “As amoras nativas que temos no Brasil, geralmente dão frutos muito pequenos. As espécies que vem sendo cultivadas comercialmente são cultivares norte-americanas”, esclarece a pesquisadora da Embrapa Clima Temperado, Maria do Carmo Raseira.

Segundo Maria do Carmo, o processo de melhoramento genético para adaptação do fruto às nossas condições de produção começou no início dos anos 1970, com sementes trazidas dos Estados Unidos. “Algumas precisavam de mais frio, mas a maioria das cultivares trazida se adaptou muito bem ao Brasil”, recorda.

A evolução demorou um pouco, pois, segundo a pesquisadora, faltava gente interessada em testar as novas cultivares. Em 1989, a Embrapa lançou a cultivar BRF Tupy, hoje a mais cultivada do país. “Até alguns anos atrás era a variedade mais cultivada no México também”, aponta Maria do Carmo.

Hoje, a pesquisa já avançou consideravelmente. A última variedade lançada pela Embrapa foi a BRF Gaingá, que tem vocação para ser consumida como fruta de mesa. “Atualmente, quase toda produção [de amora] é usada em polpa, geleia, etc. Queremos ver se o consumidor brasileiro consome *in natura* também”, almeja.

# VIA RÁPIDA



## “Bate na madeira”

Você provavelmente já deve ter ouvido alguém falar “bate na madeira” para afugentar a má sorte. O costume tem origem no paganismo, visto que os celtas e outros povos antigos acreditavam que os espíritos viviam nas árvores. Assim, batiam no tronco com os nós dos dedos para chamar as divindades e pedir perdão, proteção ou agradecer.



## Bocejo ao resgate

Quando uma pessoa está cansada e sonolenta, o processo da respiração, muitas vezes, é involuntariamente suspenso por alguns segundos. O organismo reage quase que de imediato, provocando um espasmo dos músculos da boca, garganta e peito. O movimento involuntário desencadeia uma inspiração profunda para compensar a respiração interrompida, o famoso “bocejo de sono”.



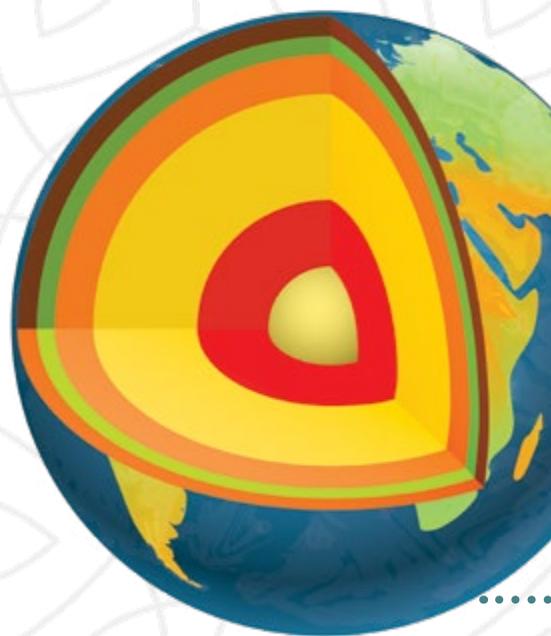
:-)

Quem nunca mandou um emoji (os antigos emoticons) em uma conversa virtual? Tudo indica que esse jeito de se comunicar começou com o professor Scott Fahlman, da Universidade Carnegie Mellon, nos Estados Unidos, em 1982. Ele participava de um grupo *online* com colegas do Departamento de Física e uma piada postada foi mal interpretada. Fahlman propôs usar o sinal “:-)” em situações de ironia e piada, e o sinal “:-(” para assuntos mais sérios.



## E-mail do Garfield

Você sabia que o Gmail, um dos serviços de e-mail mais utilizados no mundo, era originalmente chamado de Garfield Mail? Esse mesmo, o famoso gato laranja que ama lasanha e odeia segundas-feiras. O nome mudou em 2004, quando o Gmail passou a ser associado ao Google.





## Problemão

O matemático francês Pierre de Fermat deixou um legado pra lá de problemático. Seu último teorema, rabiscado nas margens de um livro em 1637, levou 357 anos para ser solucionado. Fermat estendeu a fórmula usada por Pitágoras para calcular as laterais do triângulo retângulo. A hipótese só foi provada em 1994 pelo britânico Andrew Wiles, professor da Universidade de Oxford.

---



## Barco dos gatos

Diz a lenda que os gatos têm medo de água, mas não os holandeses. Em Amsterdam, capital do país, um barco ancorado no canal Harengracht serve de abrigo para cerca de 50 felinos abandonados. O local é chamado “De Poezenboot”, que pode ser traduzido como “barco dos gatos”.

## Atalho

Se você perfurasse um túnel em linha reta através da Terra e entrasse nele, levaria cerca de 42 minutos para chegar ao outro lado. Ao pular no túnel, você seria puxado até o centro da Terra graças à gravidade. A velocidade atingida no meio do caminho seria suficiente para terminar a jornada. Hipoteticamente falando, é claro.

---



## Santa bebida

Com apenas 825 habitantes, o Vaticano é a menor cidade-Estado da Terra. Ainda assim, a “Cidade do Papa” é considerada o território com o maior consumo de vinho per capita no mundo: média de 74 litros por habitante ano.

---



## UMA SIMPLES FOTO



# QUER RECEBER NOTÍCIAS DO AGRONEGÓCIO E DO SISTEMA FAEP/SENAR-PR NO SEU CELULAR?

Cadastre o número **(41) 98815-0416** e mande seu nome, cidade e atividade.



## Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná  
R. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar  
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

## EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- |   |  |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se                                 | <input type="checkbox"/> Falecido      |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido                             | <input type="checkbox"/> Ausente       |
| <input type="checkbox"/> Recusado                                 | <input type="checkbox"/> Não Procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço Insuficiente                    |  |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado                 |  |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico |  |

## REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_  
Em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ Responsável

Acesse a versão digital deste informativo:

**[sistemafaep.org.br](http://sistemafaep.org.br)**

• FAEP - R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba-PR | F. 41 2169.7988 | Fax 41 3323.2124 | [sistemafaep.org.br](http://sistemafaep.org.br) | [faep@faep.com.br](mailto:faep@faep.com.br)

• SENAR-PR - R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba - PR | F. 41 2106.0401 | Fax 41 3323.1779 | [sistemafaep.org.br](http://sistemafaep.org.br) | [senarpr@senarpr.org.br](mailto:senarpr@senarpr.org.br)

Siga o Sistema FAEP/SENAR-PR nas redes sociais

